ENSAIO

Ainda Há Esperança?

Reflexões sobre soberania, dignidade e consciência política

Renato Gonçalves da Silva

Vivemos dias conturbadíssimos, marcados não apenas pelo caos institucional, mas pela corrosão deliberada da própria ideia de República. A desarmonia entre os poderes constituídos já não é fruto de tensão democrática saudável, mas de disputas oportunistas, pactos silenciosos e conivências explícitas. O que deveria ser equilíbrio virou conluio. O que deveria ser fiscalização tornou-se complacência. O Estado, em muitos aspectos, deixou de servir à sociedade para servir a si mesmo.

A corrupção não é mais desvio: é método. É engrenagem. Está entranhada nas estruturas do sistema como prática aceita, tolerada e, em alguns círculos, até celebrada. A ética e a moral, que deveriam ser os alicerces da vida pública, padecem sob o peso do cinismo institucionalizado. Aqueles que deveriam conduzir os destinos da nação — gestores, legisladores, dirigentes — aparecem cada vez mais associados ao crime organizado, ao tráfico de drogas, à lavagem de dinheiro e a práticas que desonram qualquer noção de serviço público. O escândalo deixou de chocar. A indignação foi anestesiada. E esse talvez seja o maior triunfo da decadência.

Quando um povo se acostuma ao absurdo, ele se torna refém da própria apatia.

Mas há um ponto que o sistema teme. Um ponto que nunca conseguiu controlar por completo: o voto consciente.

O voto não é um detalhe burocrático. Não é um gesto automático nem um favor concedido ao poder. O voto é a expressão máxima da soberania popular. É o momento em que o povo deixa de ser espectador e reassume sua condição de autor da própria história. Tratar o voto com descaso é abrir mão da dignidade. É aceitar viver do ócio político e das migalhas distribuídas por quem se perpetua no poder à custa da miséria alheia.

Povo que troca voto por favor não é representado, é explorado. Povo que vende consciência não governa, é governado. Povo que se omite não é neutro, é cúmplice.

O voto é o instrumento legítimo de punição do mau gestor. É a resposta civilizada, porém implacável, contra a corrupção, a incompetência e o abuso. É ele que rompe ciclos viciados, que desmonta projetos autoritários travestidos de soluções fáceis, que retira do poder aqueles que confundem mandato com propriedade.

Não existe soberania sem voto consciente. Não existe dignidade coletiva quando a escolha política é guiada pela ignorância, pela dependência ou pela conveniência imediata. Uma

nação que se acostuma a viver de assistencialismo eterno, sem exigir contrapartidas éticas e morais de seus governantes, abdica do futuro e aceita a tutela permanente do atraso.

Já não cabe mais a omissão. A omissão é confortável, mas é criminosa do ponto de vista moral. É ela que sustenta estruturas podres por décadas. É ela que mantém no poder os mesmos rostos, os mesmos vícios e as mesmas promessas recicladas. O silêncio do cidadão consciente é o combustível do sistema corrupto.

É urgente a construção de bases sólidas, ancoradas em posturas éticas, coerentes e inegociáveis. Bases que rejeitem o populismo rasteiro, o discurso fácil e a política do favor. Bases que compreendam que governar é servir, legislar é proteger e julgar é fazer justiça — não proteger interesses, não blindar aliados, não perpetuar privilégios.

Reagir deixou de ser opção. Reagir é dever cívico. Reagir com consciência, com memória e com coragem. Coragem para votar melhor. Coragem para cobrar depois. Coragem para não esquecer traições travestidas de promessas. Coragem para romper com a lógica da dependência e assumir a responsabilidade pela própria escolha.

E então, diante de um cenário tão degradado, a pergunta retorna, incômoda e necessária: ainda há esperança?

Há, sim. Mas ela não mora no sistema. Não está nos discursos inflamados, nem nos salvadores da pátria. A esperança reside no cidadão que entende que o voto é soberania, não esmola. Que a política é instrumento de transformação, não de submissão. Que dignidade não se pede, se exerce.

A esperança existe enquanto houver quem não negocie princípios, quem não normalize o inaceitável e quem compreenda que um povo só é verdadeiramente livre quando escolhe com consciência e responde por suas escolhas.

Quando o voto deixa de ser moeda de troca e passa a ser ato de soberania, o sistema treme. E quando um povo recupera sua dignidade política, nenhuma estrutura corrompida resiste.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.